

Rorty e Habermas entre gatos, cães e teologia

Paulo Ghiraldelli Jr. (*)

I

Por que alguns filósofos teimam em não entender Richard Rorty? Ou, às vezes, abandonar Habermas depois que este deixou de lado o credo marxista? (cf. Ghiraldelli Jr., 2001). Creio que por uma razão simples: eles ainda não aprenderam a gostar do debate entre nominalistas e universalistas – um debate que vem lá de Platão, atinge os medievais em cheio que é, ainda, atual.

Tenho uma fórmula didática simples de colocar esse debate para o público mais amplo, que não está ligado diretamente à filosofia. Uso o exemplo do meu amigo John Shook, de quanto ele lecionava na Oklahoma State University. Ele dizia que os gatos são nominalistas, o cachorros, universalistas.

Um cachorro se apegue ao dono, e não liga muito para a casa, mas, em geral, qualquer um, sendo humano e que venha a lhe agradar, serve como dono. Se o dono vai embora, o cachorro tem de ir com o dono, pois ele não sobrevive sozinho; mas pode sobreviver se o dono for outro. O gato, por sua vez, pode optar; se ele cisma de ficar na casa, ele fica ali, tendo ela novos donos ou não. Gatos são nominalistas na medida em que eles escolhem um ponto, um local determinado e particular para ficar. Não lhes passa pela cabeça coisas como as que ocorrem na cabeça do cachorro, que adota a espécie humana, uma expressão mais universal, para a qual ele se volta. O cachorro dá importância ao homem, o conceito de homem, o gato acha o homem enquanto conceito (universal) algo inexistente, e adota algo particular, historicamente datado, opcional, por exemplo, o lugar único em que ele se deita, ao qual ele dá o nome de "rom-rom", que na linguagem humana, em português, poderia ser entendida como "este pedaço de coisa onde me deito". O cachorro não se dá conta de que lida com nomes, ele apenas vai seguindo conceitos, quanto mais universal possível, mais ele segue: "ser humano", "comida" (de qualquer tipo), "casa" em que o "humano" o coloca, ou ordens abstratas como "não!", "bom!", "vai!", "deitado" etc. O gato não obedece tais universais, não são coisas que existem, para ele. O gato é "pão-pão-queijo-queijo", ele acredita no particular, o resto são ... nomes – *meros* nomes.

Isto não quer dizer que os gatos não dêem importância para a linguagem! Não, ao contrário, eles dão tanta importância que eles querem confiar na linguagem, e desconfiam dela na medida em olham para os cachorros e vêem que eles a tomam como algo importante quando ela expressa abstrações – os universais!

Rorty é um filósofo que tem a ver, de certa forma, com o que os gatos querem, Habermas é um filósofo que tem a ver com o que os cachorros recebem.

II

A doutrina nominalista vem do mundo grego, mas aparece de modo típico na Idade Média, com o filósofo Ockham. De acordo com sua doutrina, só o particular é, digamos, real, e as palavras que denotam classes são *meramente* nomes. Os nominalistas entendem que o sistema de nomes cria diferenças e similaridades que possuem existência somente na mente do falante ou no próprio sistema da linguagem.

Gatos não ligam para classes, pois eles tomam classes como *meros* nomes. E um conceito é um tipo de instrumento para classificar. Gatos não dão bola para conceitos. Tanto é que Rorty chega a dizer que uma péssima invenção foi o "*conceito* de conceito". Cachorros adoram classes, tanto é que eles não são chamados de os melhores amigos de uma coisa qualquer, eles são chamados de os melhores amigos de uma classe, a classe dos humanos. Eles se orgulham disso, e Habermas os segue.

Muita gente gosta somente de cachorros, pois acreditam que os cachorros gostam deles, enquanto indivíduos. Isso não é verdade, o cachorro vai com qualquer um, basta que ele perceba que o comportamento de seu novo dono é o comportamento de uma classe, a dos humanos. Gato não vai com qualquer um, pois ele, ao não dar bola para classes, se vê na situação de ter de optar por aquilo que é tão particular que não cabe em algo que ele diria que é *apenas* um nome.

Assim, psicólogos tais como Piaget, pensam de forma canina: crianças de zero aos dois anos caem na classe dos que estão na fase cognitiva "sensório motora". Habermas gosta desse pensamento canino de Piaget. Rorty, no entanto, prefere a *folk* psicologia, porque nela há menos classificações e mais descrições de situações contingenciais, uma forma de conversar tipicamente felina. Rorty é tão felino quanto Davidson. Este, por sua vez, tem tanta desconfiança da expressão de conceitos, tomando-as, de certo modo, como algo que não passa de nomes, que ele aconselha a não se procurar definir coisas que a filosofia sempre quis definir, como a "verdade", por exemplo.

Rorty acha que a filosofia tenderá a ser, no futuro, uma atividade felina, Habermas quer segurar a filosofia como atividade canina. Ou seja, para Rorty, o futuro da filosofia deve imitar gatos, engenheiros e advogados. Para Habermas, o futuro da filosofia deve imitar o que fazemos no presente, que é aquilo que os padres fazem, e que cachorros seguem.

Se você vai até um padre e pede um conselho ou sugestão, ele tem uma noção bem genérica com a qual ele opera para todos os seus problemas: há o mal e o bem, o pecado e a pureza, Deus e o Diabo. Você está ou numa classe ou noutra, você está ou com uma classe ou outra. O padre, os cachorros e Habermas acreditam nos universais. Mas se você vai para as mãos de um engenheiro, ele tem de ouvir seu pedido e encontrar uma solução exclusiva e particular para você, e se você vai procurar um advogado, mesmo que ele tenha jurisprudência que acolha o seu caso, o seu caso é único, e sua situação vai terminar por gerar alguma jurisprudência, mas *a posteriori* – é claro. O advogado e o engenheiro e o gato dão créditos aos particulares, não aos universais, os universais são *apenas* nomes que não apontam para o mundo do aqui e agora, do isto e do aquilo. E a vida ocorre no isto e no aquilo, ainda que para conversarmos os conceitos mais abstratos sejam úteis e funcionem bem.

Um nome é importante para os gatos, mas eles, em geral (os gatos acreditam nisso) vão virar conceitos e classes, e não vão nos orientar dentro de um mundo palpável, particular. Um nome é importantíssimo para um cachorro na medida em que ele puder esquecer que se trata de um *mero* nome para tomá-lo, o mais rápido possível, como um conceito.

Assim, no debate sobre a verdade, os gatos procuram não a verdade, mas o adjetivo verdadeiro que se pode aplicar a cada sentença; ou seja, verdadeiro e falso predicam sentenças; enquanto que os cachorros adoram teorias da verdade, pois elas querem dar conta da "natureza da verdade".

III

Paralelo ao debate da verdade existe o debate sobre a relação mente-corpo. Os gatos estudam o comportamento de cada sardinha que comem. A relação entre a mente e o corpo da sardinha, para o gato, se revela no comportamento da sardinha. Se ela pula na água de uma maneira que ele pode pegar, ela tem uma excelente relação mente-corpo *para ele*. Já os cachorros ficam muito tempo classificando ossos. Ossos são objetos mortos que não possuem comportamento, então, os cachorros os classificam criteriosamente: ossos novos, ossos enterrados, ossos de brinquedo etc. Rorty pega sardinhas, Habermas fica com os ossos. Gatos são meio que empiricistas-behavioristas, às vezes, pragmatistas; cachorros são tradicionais racionalistas.

Quem observa comportamentos (inclusive lingüísticos) ou observa a prática enquanto o que é *feito* e alimenta a experiência, tende a ser um pragmatista. Gatos são discípulos de James e Dewey. Quem busca essências não tem tempo para notar comportamentos específicos. Cachorros são discípulos de Platão e Descartes. Seriam de Habermas, agora que Habermas olha cada vez mais para o pragmatismo, para os felinos?

Os filósofos que não entendem Rorty vivem no mundo dos cachorros sem amor aos gatos. Os filósofos que não entendem Habermas vivem no mundo dos gatos sem amor aos cachorros. Os filósofos que não gostam do debate entre cães e gatos, não são filósofos.

O bom seria poder assumir a perspectiva dos gatos e dos cachorros, mas os filósofos têm certa dificuldade em assumir perspectivas, eles possuem um medo danado de serem chamados de "perspectivistas". Nietzsche os deixou embasbacados, no final do século XIX, ao dizer que ele próprio era um perspectivista, e Davidson trouxe essa forma de pensar para Rorty continuar esse caminho no século XX. Muitos filósofos vieram tudo isso como relativismo. Mas estavam errados. Esse erro os induziu a outros. Eles não quiseram entender o que seria o perspectivismo. Os filósofos que não entendem Rorty são, na verdade, muito pouco filósofos. Pois é difícil filosofar sem considerar a sério outras *perspectivas*. Até Platão, uma vez mais velho, fez isso. E por causa disso, esses filósofos que não gostam de perspectivas gostavam de Habermas apenas enquanto este ainda alimentava o resto de marxismo deles. Mas hoje, já nem entendem mais Habermas. Não sabem criar nem gatos nem cachorros. E quem não cria gatos e cachorros, não é filósofo.

IV

Quando filósofos adotam atitudes felinas, eles tendem a ser contextualistas, historicistas. Ou seja, uma vez que eles desconfiam da importância dos conceitos quando estes se tornam ditadores, eles ficam no campo de quem nota as *relações* que se estabelecem no conjunto dos comportamentos das coisas em torno deles e no comportamento deles próprios e dos colegas. Quando filósofos adotam atitudes caninas, eles tendem a secundarizar o contextualismo. Ou seja, uma vez que eles dão importância aos conceitos, eles ficam buscando *definições* para classificar o que ocorre ao redor deles e com eles.

Relações são a menina dos olhos de gatos e pragmatistas. Definições são como que o açougue para cachorros, como que leis para racionalistas.

Deus, que é o *negócio da teologia*, para os primeiros, sendo o supra-sumo dos conceitos, ou seja, o que abraça todos os superlativos, não podendo manifestar carência alguma – na velha idéia de Descartes – já é um *big concept*. Por isso, os cachorros e alguns textos habermasianos, podem despertar interesse em professores de filosofia que vieram da tradição que bebeu direta ou indiretamente na religião – a tradição canina em filosofia.

Sendo Deus algo difícil de contextualizar (o que, em suma, é sem sentido de ser fazer), os gatos e Rorty podem despertar mais interesses em professores de filosofia que tendem a falar mais de história das religiões do que em teologia.

Mas isso não quer dizer que, no plano da praxis, gatos e rortianos não possam se apaixonar como religiosos se apaixonam, enquanto que cachorros e habermasianos deveriam se apaixonar *como* religiosos se apaixonam. Não, no plano da vida cotidiana, prática, a paixão religiosa, principalmente no Ocidente após Jesus Cristo, é menos teológica e mais uma prática moral mundana (cf. Zabala, 2006). Cães e gatos precisam menos do altar, todavia, insistem no valor da regra "dar a outra face".

Quando uma pessoa ocidental, escolarizada, de classe média, e tendo sido criada em uma cultura cristã sincera e sem verniz em sua casa, ouve falar de punições severas (pena capital) contra semelhantes, mesmo assassinos, ela se sente muito mal – ela *deve* se sentir muito mal. Se ela vê um faminto na rua, ela, mesmo sabendo que a esmola pode ser apenas um agravante, vai ao encontro do faminto e lhe dá algo. E, hoje em dia, estamos acostumados a ver cachorros e gatos juntos, uns deitados sobre os outros; se eles são criados juntos, podem muito bem terem se tornado amigos e amantes, para além do nominalismo e do conceptualismo; ou seja, para além de divergências filosóficas. O cristianismo os tornou mais suaves uns com os outros, embora ainda eles possam vir a manter posições filosóficas e teológicas distintas. Nietzsche diria: "o cristianismo os tornou mais fracos" – eles teriam sido mordidos pela tarântula moral chamada Rousseau. Mas, no meu entendimento, Nietzsche estava só parcialmente certo. Neste ponto, ele errou.

O projeto de Nietzsche, de extinção da metafísica, passava por uma idéia de dividir o mundo entre "fracos" e "fortes", e isto tinha um sentido específico e altamente sofisticado em sua filosofia, que não cabe discutir aqui. No meu caso, meu projeto é cristão, trata-se apenas de ver que cães e gatos podem viver juntos. Meu projeto é cristão na medida em que é social-democrata. Como Rorty, tomo o cristianismo apenas como uma versão da política que quer ver os fracos não serem humilhados pelos fortes.

V

No fundo, menos em termos teológicos e mais em termos filosófico-religiosos, podemos dizer que o nominalismo dos gatos lhes dá a capacidade de olhar mais para o pecador do que para o pecado, enquanto que o universalismo dos cachorros os fazem críticos do pecado e, talvez, menos severos com o pecador.

Assim, o comportamento filosófico-religioso de gatos e cachorros se expressa, também, em um comportamento político. Gatos honestos acham que a corrupção não existiria sem o corrupto, e então votam em pessoas honestas. Cachorros honestos acham que o corrupto não existiria se não tivéssemos a corrupção, então votam em partidos que prometem acabar com a corrupção. Gatos e cachorros podem ser de esquerda ou direita, tanto faz. Todavia, se gatos são de esquerda, eles querem ver qual benfeitoria foi feita em cada periferia de seus parceiros felinos pobres, os gatos vira-latas. Se cachorros são de esquerda, eles querem ver qual benfeitoria foi feita no mundo, em geral, para os caninos.

Não estou dizendo que gatos são apartidários e cachorros são partidários. Mas estou dizendo que gatos tendem a ver, no partido, algum candidato especial, enquanto que os cachorros tendem a ver em partidos um emblema para colocar no peito dos militantes. Assim, voltando para a religião, gatos podem ser ecumênicos porque, adotando uma religião, precisam conversar, por uma série de razões – como, por exemplo, sobre a busca da melhor sardinha – com seu vizinho; e, na tal de "conversa-vai-conversa-vem" podem colocar de lado miados de reverência que eles não gostam, e que o vizinho solta, se isso

não interferir ou até ajudar para encontrar a melhor sardinha. Cachorros, quando são ecumênicos, estão fazendo uma concessão diante do Altar do Latido, de modo a aceitar entre eles aqueles que eles acreditam que não sabem latir tão bem, mas que, já que latem, devem ser todos filhos do mesmo Deus do Altar do Latido.

Os gatos da Teologia da Libertação querem transformar o mundo a partir da conversão de cada pessoa, e querem ensinar a cada um o comportamento solidário inventado por Jesus. Os cachorros da Teologia da Libertação acham que podem transformar o mundo porque cada cachorro já tem a solidariedade como algo comum em suas almas.

Habermasianos poderiam ser tomados como discípulos caninos da Teologia da Libertação por causa de sua filiação ao racionalismo que, de certo modo, permaneceu na Escola de Frankfurt (de Habermas) via marxismo. Rortianos poderiam ser tomados como discípulos felinos da Teologia da Libertação por causa de sua filiação ao empirismo de Donald Davidson (cf. Ghiraldelli Jr., P. 2002). Todavia, atenção aqui: falei em habermasianos e rortianos. Não falei de Habermas e Rorty, neste caso. Pois Rorty e Habermas nada tem a ver com isso, eles são ateus.

Referências:

Ghiraldelli Jr., P. *Neopragmatismo, Escola de Frankfurt e marxismo*. Rio de Janeiro: DPA, 2001.

Ghiraldelli Jr., P. e Peters, M. *Richard Rorty: Education, Philosophy, and Politics*. Nova York: Rowman and Littlefield, 2002.

Zabala, S. (org.) *O futuro da religião*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

(*) Este texto é uma versão modificada de uma fala no setor de pós-graduação em teologia e ciências da religião da PUC-SP, nos anos noventa.

PAULO GHIRADELLI JR., doutor e mestre em filosofia pela USP; doutor e mestre em filosofia da educação pela PUC-SP, livre docente e titular pela UNESP, pós-doutor em medicina social pela UERJ. Diretor do Centro de Estudos em Filosofia Americana – www.pragmatismo.com. Editor da *Contemporary Pragmatism* de New York. Site pessoal: www.ghiraldelli.pro.br Editor do Portal Brasileiro da Filosofia: www.filosofia.pro.br